

O MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA DA UFRN: REGISTROS DE UMA HISTÓRIA

Cídia Paula da Costa Alves¹

GD nº 5 – História da Matemática e da Educação Matemática

Resumo: Este trabalho apresenta parte da dissertação de Mestrado que está sendo feita na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM). A dissertação tem como objetivo elaborar um estudo historiográfico acerca do entendimento dos coordenadores, dos professores e dos egressos sobre Produto Educacional advindo do Mestrado Profissional em Ensino do PPGECNM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 2002 a 2016. Para isso, fizemos o uso da História Oral como metodologia, a partir de entrevistas com os envolvidos nesse processo. A importância dessa escrita acerca do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática está na necessidade de contar a sua trajetória no que diz respeito às representações individuais dos professores e dos egressos sobre o Mestrado Profissional em Ensino, como sujeitos imersos no seio de um grupo sociocultural e histórico. Por sua vez, isso nos proporcionará revelar os entendimentos adquiridos durante esse processo, bem como as adequações necessárias para o fortalecimento do Curso no que se refere às práticas da pesquisa nessa modalidade de ensino e ao desenvolvimento expressivo que contribuiu para a sua consolidação. Até o momento, foram realizadas oito entrevistas que serão estudadas por meio da análise narrativa das narrativas a partir dos depoimentos orais dos colaboradores da pesquisa.

Palavras-chave: Mestrado Profissional. História Oral. UFRN. Narrativas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte da dissertação de Mestrado que está sendo desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGECNM), sob a orientação da Professora Doutora Liliane dos Santos Gutierre e estando ligada ao projeto: "O Ensino de Matemática no Nordeste do Brasil na segunda metade do século XX: uma história de formação de professores".

O objetivo geral da pesquisa é elaborar um estudo historiográfico acerca do entendimento dos coordenadores, dos professores e dos egressos sobre Produto Educacional advindo do Mestrado Profissional em Ensino do PPGECNM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 2002 a 2016, e como objetivos específicos: conhecer a

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática; Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática; cidiapaula@gmail.com; orientador(a): Liliane dos Santos Gutierre.

² Nosso recorte temporal limita-se ao ano de 2016 devido a criação da disciplina Desenvolvimento e Avaliação de Materiais Instrucionais, cuja ementa trata da elaboração e avaliação de Produtos Educacionais, de acordo

experiência dos professores sobre o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática do PPGECONM/UFRN; entender como se deu a trajetória dos professores e egressos no decorrer desse processo; e produzir um vídeo informativo sobre a aplicabilidade de Produtos Educacionais.

A escolha de trabalhar na pesquisa com o Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, lugar profícuo para o aprofundamento de questões que envolvem professores da Educação Básica, partiu do contato com o Mestrado Profissional em Ensino, de um lado, como sujeitos imersos nesse contexto e do outro, como coautora no processo de continuidade de formação. Tal modalidade, iniciou suas atividades no 1º semestre de 2002. Foi o primeiro Mestrado Profissional criado no Nordeste do país.

É importante salientar que se faz necessário olhar para a trajetória desse contexto de pesquisa. Pois, estudos produzidos na área fornecem discussões e reflexões importantes para problematizar a implementação desses cursos formativos. Vilanni et al. (2017, p. 129) ressalta:

No início dos anos 2000, houve uma mudança significativa na política de formação continuada de professores em Ensino de Ciências, caracterizada pela implantação e desenvolvimento de Mestrados Profissionais em Ensino de Ciências (MPEC), um projeto ambicioso, que pretendia atingir efetivamente o professor na sua competência profissional e que ainda está em vigor. [...] Em 2002, após a recém-criada área 46 de Ensino de Ciências e Matemática, a CAPES já contava com três MP em funcionamento. (VILANNI et al., 2017, p. 129).

Os Cursos mencionados acima são: Ensino de Ciências Naturais e Matemática (UFRN), Ensino de Matemática (PUC/SP) e Ensino de Física (UFRGS). O Curso em questão, aparece com um dos primeiros a desenvolver pesquisas nesse âmbito educacional, logo a importância de investigá-lo, dentre outros aspectos, quanto às contribuições e às considerações extremamente importantes para a formação continuada dos professores e, mais

especificamente, para os Mestrados Profissionais em Ensino de Ciências Naturais e Matemática.

Estabelecido o foco da pesquisa, emergiram questionamentos e reflexões colocando-se como tema a pesquisar e seus sujeitos como interlocutores com propósitos de debater questões pertinentes ao encaminhamento deste trabalho. Nesse contexto, é possível procurar compreender como os coordenadores, os professores e os alunos (egressos) do PPGEENM, nos primeiros anos de existência, desenvolveram suas pesquisas no contexto do Curso de Mestrado Profissional em Ensino.

Isso posto, elaboramos a seguinte questão: como os professores e os alunos (egressos) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (PPGEENM), nos primeiros anos de existência, percebiam seus Produtos Educacionais no contexto de um Curso de Mestrado Profissional em Ensino?

Dito isso, é nosso dever criar um Produto Educacional, pois estamos em um Mestrado Profissional. Sendo assim, elaboramos um vídeo categorizado como mídia educacional (CAPES, 2016). Nesse vídeo, apresentamos informações sobre a natureza do Mestrado Profissional no âmbito dos cursos de formação continuada para professores de Matemática da Educação Básica e relatos de experiência vivenciada pela professora/pesquisadora sobre o uso de um Produto Educacional como material de apoio na sala de aula.

Esse vídeo tem como principal objetivo: mostrar para os professores de Matemática e outros profissionais, que atuam na Educação Básica, que existe um Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na modalidade de Mestrado Profissional na área de Ensino de Ciências Naturais e Matemática na UFRN, como também, motivá-los a usar os Produtos Educacionais oriundos das dissertações, pensados no processo de ensino e aprendizagem. Na oportunidade, mostrar-lhes que ao aliar o conhecimento acadêmico à experiência profissional, podem avançar seus conhecimentos por meio de pesquisas, cujos campos de investigação tenham como cerne o âmbito escolar.

METODOLOGIA

O presente estudo situa-se no campo das pesquisas educacionais de abordagem qualitativa que privilegia o conhecimento da evolução cultural a partir de uma aproximação

profícua com os atores sociais no próprio contexto institucional. Quanto a esse tipo de pesquisa, Oliveira (2016) esclarece que:

São muitas as interpretações que se tem dado à expressão pesquisa qualitativa e atualmente se dá preferência à expressão abordagem qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionário, entrevista e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2016, p. 37)

Nesse sentido, desenvolvemos o processo de pesquisa, balizando-nos em percepções que nos aproximaram da realidade do tema a partir de métodos e técnicas que nos possibilitaram a compreensão do que estamos estudando. Segundo o autor, “A pesquisa qualitativa é, algumas vezes, definida como pesquisa interpretativa.” (STAKE, 2011, p. 47), por conseguinte, ela exige do pesquisador a sensibilidade de perceber e interpretar aquilo que vê e ouve.

Nesta direção, em nosso trabalho, adotamos a maneira como o Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) define metodologia: “Como um conjunto de procedimentos que não teriam sentido sem uma fundamentação” (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 232), nesse aspecto, entendemo-la como um processo de pesquisa pautado em argumentos bem sedimentados. Ao falarmos da História Oral como metodologia de pesquisa, necessitamos esclarecer como o GHOEM concebe-a:

A História Oral é uma metodologia cuja função é criar fontes historiográficas (que podem ser exploradas por instrumentais analíticos distintos por quaisquer pessoas que venham interagir com elas) e estudá-las, permitindo que a subjetividade transite pelos domínios da Ciência. Notemos, porém, que a operação historiográfica não se reduz à criação de fontes, mas toda operação historiográfica inicia-se com uma pergunta e uma seleção/criação de fontes. (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 232)

Dessa maneira, vimos nessa metodologia a possibilidade de criação de fontes historiográficas, nas quais, as peculiaridades relativas aos sujeitos tramitam os campos científicos orientadas por uma questão e uma designação de fontes. Utilizar a História Oral implica desenvolver a sensibilidade para perceber que não há uma linearidade nos momentos

descritos pelos sujeitos. Os episódios não são narrados como acontecidos no passado, mas, discorridos com o olhar que o entrevistado tem no presente sobre as experiências vividas, naquela época, separadas do agora pelas mudanças ocorridas durante sua vida e alimentada por perguntas de um pesquisador numa relação múltipla de olhares.

Antes, porém, de partimos para o momento das entrevistas, foi realizada uma detalhada revisão bibliográfica sobre o tema proposto para este estudo. Seguimos com os procedimentos metodológicos de autores que utilizam a pesquisa documental, uma vez que nossos estudos se iniciaram com a análise documental, à luz da teoria de Le Goff (2003):

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntário ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo. (LE GOFF, 2003, p. 537)

Diante do exposto pelo autor, percebemos que o documento se constitui por informações que fazem parte da história, segundo o lugar e a época o qual foi produzido pela sociedade, e que, tempos depois, torna-se fonte de pesquisa quando se indaga a veracidade dos fatos. Todavia, no momento que passa a ser visto como monumento pelo pesquisador, ele deixa de ser um objeto neutro e, dependendo do olhar a ele dispensado, pode revelar segredos do passado que apenas no tempo presente isso é possível entender.

A opção pela História Oral pressupõe a utilização de procedimentos que devem ser considerados, de acordo com Garnica (2004):

Pode-se falar que o conjunto procedimental relativo à história oral, de modo geral, indica a necessidade de considerarmos: uma pré-seleção dos depoentes, entrevistas gravadas que constituirão o documento-base da pesquisa, instâncias de transformação do documento oral em escrito – conjunto de processos: a transcrição literal, a textualização e a transcrição-, um momento por ele chamado de “legitimação” – quando o documento textualizado retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo pesquisador – e, por fim, um momento de análise, cujo caráter tem sido o de destacar as tendências observadas dentre os depoimentos. (GARNICA *apud* SILVA, 2004, p. 7)

Além desse conjunto de procedimentos necessários quando se faz entrevistas,

precisamos nos preocupar com alguns detalhes essenciais que contribuem para o alcance de resultados satisfatórios da pesquisa em questão. Escolher bem o local que vai acontecer a entrevista é fundamental para evitarmos alguns contratempos que comprometem a qualidade da gravação. Estipular um tempo médio para cada encontro garante que a conversa transcorra com um ritmo dinâmico e flexível, ao mesmo tempo. Cuidar dos materiais para que não se interrompa o andamento das entrevistas.

Inicialmente, realizamos uma seleção prévia dos depoentes ou a escolha de critérios significativos para selecioná-los (GARNICA, 2003). Em especial, neste trabalho, para cumprir os objetivos da pesquisa, selecionamos todos os professores que ocuparam o cargo de coordenadores do referido Programa (sintetizados no Quadro 1).

Quadro 1: Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da UFRN.

| COORDENADORES | GESTÃO |
|-----------------------------------|-------------|
| Ciclâmio Leite Barreto | 2003 a 2005 |
| Bernadete Barbosa Morey | 2006 a 2009 |
| Claudianny Amorim Noronha | 2010 a 2011 |
| Iran Abreu Mendes | 2011 a 2013 |
| Bernadete Barbosa Morey | 2014 a 2015 |
| Ivanise Cortez de Sousa Guimarães | 2016 a 2020 |

Fonte: CÍDIA PAULA DA COSTA ALVES, 2019, p. 1.

Para compreendermos mais amplamente questões propostas na pesquisa, formamos um conjunto heterogêneo de professores, considerando aspectos importantes como a diversidade e a representatividade, fundamentando-nos na concepção de Alberti (2004, p. 32, grifo do autor) quanto a seleção dos “entrevistados em potencial”. Para essa autora, não importa a quantidade e sim a potencialidade daqueles que viveram/vivem a realidade do contexto em questão. Encontramos na ata de reunião do Colegiado, datada em fevereiro de 2006, a formação do primeiro quadro de Docentes Permanentes do Programa formado pelos professores(as) doutores(as): John Fossa Andrew, Márcilio Colombo Oliveros, Luiz Carlos Jafelice, André Ferrer Pinto Martins, Gilvan Luiz Borba, Isauro Beltran Nuñez, Arlete Brito de Jesus e Márcia Goretti Lima Silva. A escolha desses professores, para compor o rol de entrevistados, não foi aleatória e justifica-se por dois motivos: em primeiro lugar, eles foram os primeiros professores/orientadores a realizarem pesquisas na modalidade profissionalizante.

Assim, seus relatos podem revelar quais acontecimentos e práticas foram

desenvolvidos nesse contexto. Em segundo lugar, porque participaram das decisões referentes ao processo de criação, implantação e desenvolvimento do Programa (CARDOSO, 2017). Para fechar essa lista, selecionamos os últimos professores incluídos no quadro Docentes Permanentes do Programa, com o intuito de conhecer como vêm sendo elaborados os Produtos Educacionais referentes as pesquisas mais recentes do Programa, são eles, os professores (as) doutores (as): Francisco de Assis Bandeira e Giselle Costa de Sousa. A Prof.^a Dr.^a Liliane dos Santos Gutierrez é a orientadora desta pesquisa, por isso, não será entrevistada.

Para a escolha dos egressos, inicialmente, verificamos no *site*³ do repositório institucional da UFRN que foram defendidas, pelos egressos, ou seja, os pós-graduados do ensino de Matemática, 54 dissertações, no período de 2006 a 2016. Restringimo-nos a esse público-alvo, para podermos atender a um dos objetivos específicos desta pesquisa: saber se o Curso contribuiu para o desenvolvimento profissional dos egressos do ensino de Matemática. A escolha desses egressos deu-se com base nas etapas de desenvolvimento dos seus respectivos Produtos Educacionais, por meio da concepção, elaboração, teste e avaliação de materiais didáticos (CAPES, 2013).

Com base nisso, construímos quatro categorias gerais para descrever as etapas que esses Produtos devem apresentar. A primeira categoria é a “elaboração de atividades”, ou seja, a definição da tipologia do Produto, podendo ser mídias educacionais, propostas de ensino, material textual. Chamamos a segunda categoria “aplicação de atividades”, que abarca a aplicabilidade desses processos educativos nos espaços formais ou não formais de ensino. A terceira categoria é a “avaliação e validação do produto”, ou seja, a avaliação do Produto Educacional pelo público o qual foi aplicado e a validação por parte da banca de dissertação e a quarta categoria é a “sem produto”, ou seja, dissertações que não envolveram nenhuma das categorias supracitadas. Elaboramos um quadro com os nomes dos egressos e os Produtos Educacionais com suas respectivas etapas de desenvolvimento. As quatro categorias serviram como marco geral para a escolha desse grupo de entrevistados.

Isso posto, nomeamos as dissertações conforme as categorias acima: dissertações completas são aquelas que possuem as três categorias; dissertações incompletas são aquelas que possuem pelo menos uma dessas categorias; e dissertações diferenciadas são aquelas que

³ www.repositorio.ufrn.br

têm por foco problemáticas diversas àquelas propostas pelos Mestrados Profissionais, isto é, apresentam questões de pesquisa como nos Mestrados Acadêmicos, logo não possuem Produto Educacional. Como o quantitativo de egressos com dissertações completas e incompletas é razoavelmente grande (50 egressos), e considerando o tempo demandado para realizar o tratamento das entrevistas e a exequibilidade de cumprir as etapas da pesquisa no tempo determinado, decidimos adotar a amostra probabilística aleatória simples, na qual cada membro da população tem uma chance conhecida e igual de ser escolhido (SHIFFMAN; KANUK, 2000). Por essa razão, optamos em realizar um sorteio, por meio da Roleta de Nomes Aleatórios disponível no site: www.classools.net. O *ClassTools* é um serviço *online* para criação de jogos, *quizzes* e atividades com fins educativos. A ferramenta é bem simples e possui modelo pré-carregados para pôr em prática uma ideia, isso facilita muito para quem não entende de programação.

Dividimos os egressos conforme as categorias pré-estabelecidas anteriormente. O estudo das autoras Alves e Gutierre (2019) aponta que, no período 2006 a 2016 foram defendidas quatorze dissertações completas, trinta e seis dissertações incompletas e quatro dissertações diferenciadas. Desse quantitativo, escolhemos doze egressos no total, pois, como já está definido quatro egressos com dissertações diferenciadas, também teremos quatro egressos com dissertações completas e quatro egressos com dissertações incompletas, de forma a equalizar a escolha.

A escolha dos egressos das dissertações diferenciadas não seguiu nenhum critério, devido a importância de sabermos os motivos pelos quais os egressos não desenvolverem nenhum Produto Educacional. São eles: Marta Figueiredo dos Santos, Jailson da Costa Pontes, Andreia Caroline da Silva Cota e Maria Sueli Fonseca Ferreira.

Iniciamos o sorteio (*ClassTools*) pelas dissertações completas. Editamos os 14 nomes dos egressos e acionamos o comando do giro da roleta. Os sorteados foram: Maria Maroni Lopes, Enne Karol Venancio de Sousa, Juliana Maria Schivani Alves e João Batista Rodrigues da Silva. Em seguida, editamos os nomes dos trinta e seis egressos das dissertações incompletas, sendo os sorteados: Wilter Freitas Ibiapina, Gesivaldo dos Santos Silva, Evanildo Costa Soares e Pablo Jovellanos dos Santos Lima. Os sorteios encontram-se gravados no canal do *YouTube*. Fizemos um *print* das telas dos sorteios, que se encontram disponíveis no Apêndice F e G, respectivamente.

De posse de uma rede inicial, e, para dar coesão ao conjunto de entrevistas que formou o *corpus* documental desta pesquisa, elaboramos, cuidadosamente, os roteiros de entrevista. Desse modo, elaboramos três tipos de roteiro: um para os coordenadores, um para os professores e um para os egressos. Apesar disso, o roteiro podia passar por modificações para cada ocasião. As perguntas que compõem os roteiros são abertas e permitem que o depoente se sinta à vontade para falar o máximo possível sobre o tema. Nesse sentido, Thompson (2002, p. 260) aponta que se use termos como: “conte-me a respeito de..., o que você pensa/acha disso?”. Isso dar a liberdade ao entrevistado emitir seu ponto de vista sem a interferência do entrevistador.

Nossos roteiros possuem três blocos de perguntas. Um primeiro com uma breve apresentação. O segundo bloco versa sobre o Mestrado Profissional, sua relação com o Curso, com os docentes que compunham o quadro de profissionais, dentre outras, a depender do papel que o entrevistado desempenha no Programa, em relação ao período em que esteve presente. E no terceiro bloco era proposta de falar algo que não foi dito até aquele momento. Essas questões gerais nem sempre foram integralmente feitas e outras foram acrescentadas no momento da entrevista.

Após elaborado o roteiro, passamos a enviar *e-mail* com a carta de apresentação da entrevista, explicitando o tema da pesquisa e a importância da entrevista deles para o trabalho. Quando confirmado o interesse do entrevistado, agendamos a entrevista, conforme o horário e local estabelecido por ele. Algumas das nossas entrevistas foram gravadas nas casas dos entrevistados, como as dos professores aposentados, e outras dependências internas da UFRN. Em geral, consideramos melhor realizar a entrevista em um ambiente onde a pessoa entrevistada se sentisse confortável e à vontade.

Retomando os procedimentos das entrevistas, após as gravações, iniciamos o processo de transposição da língua falada para a língua escrita. Esse processo foi composto por duas fases. A primeira é a transcrição, ou seja, momento em que as palavras são colocadas no seu estado bruto, perguntas e respostas são mantidas, assim como os vícios da linguagem; a segunda, é momento de elaboração textual, isto é, a textualização. Nessa etapa, preocupamo-nos em realizar um refinamento das frases, tornando o texto mais claro.

Finalizada a fase de textualização da entrevista, encaminhamos texto ao entrevistado para a realização da conferência com possíveis observações, ajustes e/ou alterações,

apontando como deveria ficar a versão final para a publicação. Esse procedimento, para a História Oral, significa: “O reconhecimento do texto procedido pela conferência e pela autorização determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. É essa a grande prova da qualidade do texto final.” (MEIHY, 2005, p. 195). Além do depoente afirmar se aquilo que está ali escrito pode ser dito por ele, esse depoente também tem o poder de rever, modificar ou aprofundar aspectos de seu registro. Todo esse processo permite a publicação de tais registros em trabalhos acadêmicos.

Feitas as devidas ressalvas e ajustes, o entrevistado assinava a carta de cessão (ver Apêndice A) de direitos. De acordo com Meihy (2005, p. 214) “a carta de cessão é um documento fundamental para definir a legalidade do uso da entrevista”, ou seja, é um documento que apresenta os dados pessoais do entrevistado, que libera, integralmente, o uso do áudio e a textualização da entrevista para fins acadêmicos.

De posse da carta de cessão, e sabendo o que podíamos, ou não, utilizar, realizamos a análise da entrevista, esse é o processo de análise, ou seja, momento de atribuir sentido as narrativas (MEIHY, 2005). Em consonância com os estudos de Cury, Souza e Silva (2014) o processo analítico das narrativas orais tem como função:

A análise narrativa desempenharia o papel de constituir o significado das experiências dos narradores mediante a busca de elementos unificadores e idiossincráticos, buscando com isso o desvelamento do modo autêntico da vida individual dos depoentes e da situação/contexto investigado. (CURY; SOUZA; SILVA, 2014, p. 916)

Os autores conferem à análise narrativa a prática de identificar elementos peculiares e comuns dos depoentes, que naquele contexto, fizeram sentido àquilo que foi observado. Para Bruner (2002, p. 46) “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”, isso nos leva a pensar que os inúmeros relatos das pessoas ouvidas, por meio de suas histórias contadas, possibilitou-nos a re(construção) de outras histórias a partir das impressões evocadas.

Vale ressaltar, que a análise narrativa proposta para essa pesquisa, voltou-se a compreensão das percepções dos envolvidos com o tema aqui proposto. Nesse sentido, seguimos a ideia de Cury (2007, p. 21, grifo do autor), quando ele define esse tipo de interpretação como uma: ” “análise possível a partir de narrativas”. E tal análise não será

tomada como um julgamento de valor do outro a partir do que foi relatado, mas como um arazoamento das compreensões em uma trama de escuta atenta ao que foi dito sem fixar um cenário definitivo”, essa foi a prática na nossa análise, olhar os rastros, os sinais e os resquícios deixados nos registros orais, sem distorcê-los, tampouco, julgá-los quanto sua veracidade e profundidade. Nossa perspectiva foi esclarecer como os coordenadores, os professores e os egressos percebem suas experiências dentro de um mesmo contexto, como se colocam e quais sentidos dão para a história narrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já relatado, o presente trabalho compõe o andamento de uma pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado. Tendo em vista que a investigação não apresenta dados satisfatórias para as referidas análises, porque o rol de entrevistas ainda não foi concluído e as análises estão com dados preliminares, não suficientes para uma interpretação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRUNER, J. Atos de significação. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CAPES. Documento de Área 2013. Disponível em: <https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Ensino_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf> Acesso em: 02 mai. 2018.

CAPES. **Documento de Área 2016**. Disponível em: <http://capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AR_EA_ENSINO_24_MAIO.pdf> Acesso em: 08 ago 2019.

CARDOSO, W. P. Av. **Educação Matemática na Pós-Graduação da UFRN (1995-2015):** vozes, imagens e escritos. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás.** 2007. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CURY, F. G; SOUZA, L. A. de; SILVA, H da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro/SP, v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bolema/v28n49/1980-4415-bolema-28-49-0910.pdf>>. Acesso em: 09 ago 2019.

GARNICA, A.V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **ZETETIKÉ**, v. 11, n. 19, p. 9-56, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/zet.v11i19.8646949>>. Acesso em: 09 ago 2019.

GARNICA, A.V. M; FERNANDES, D. N; HELOISA, S. da. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, v. 25, n. 41, p. 213-250, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/73000>>. Acesso em: 09 ago 2019.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

OLIVEIRA, M. M de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SILVA, H. da. Identidade e Educação matemática: sobre a pertinência da história oral. Recife, 2004. Trabalho apresentado no VIII ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, Recife, 2004, p. 1-9. Versão impressa.

SCHIFFMAN, L; KANUK, L. **Comportamento do consumidor**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução: Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado, história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VILLANI, Alberto. Mestrado Profissional em Ensino de Ciência e Matemática: uma interpretação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 1, p. 418 – 433, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8563/5744>>. Acesso em: 13 mar. 2019.